



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO

AO REINO DO BAHREIN

por ocasião do "Bahrain Forum for Dialogue: East and West for Human Coexistence"
(3 - 6 DE NOVEMBRO DE 2022)

ENCONTRO DE ORAÇÃO COM OS BISPOS, OS SACERDOTES, OS CONSAGRADOS, OS SEMINARISTAS E OS AGENTES DA PASTORAL

DISCURSO DO SANTO PADRE

Igreja do Sagrado Coração em Manama

Domingo, 6 de novembro de 2022

[Multimídia]

Amados bispos, sacerdotes, consagrados e seminaristas, agentes pastorais, bom dia! Good morning!

Sinto-me feliz por me encontrar no vosso meio, nesta comunidade cristã que manifesta claramente o seu rosto «católico», isto é, universal: uma Igreja habitada por pessoas provenientes de muitas partes do mundo, que se reúnem para confessar a única fé em Cristo. O bispo D. Paulo Hinder, a quem agradeço o serviço e as suas palavras, ontem falou de «um pequeno rebanho formado por migrantes»: deste modo, ao saudar cada um de vós, penso também nos povos a que pertenceis, nas vossas famílias que saudosamente guardais no coração, nos vossos países de origem. De forma particular, ao ver aqui presentes os fiéis do Líbano asseguro a minha oração e solidariedade a este amado país, tão cansado, tão provado, e a todos os povos que sofrem no Médio Oriente. É bom pertencer a uma Igreja formada por histórias e rostos diferentes, que encontram harmonia no único rosto de Jesus. E tal variedade – vi-o nos últimos dias – é o espelho deste país, das pessoas que o povoam mas também da paisagem que o caracteriza e que, embora dominada pelo deserto, goza duma rica e variegada presença de plantas e seres vivos.

As palavras de Jesus que ouvimos, falam da água viva que jorra de Cristo e dos crentes (cf. *Jo* 7, 37-39). Fizeram-me pensar precisamente nesta terra. É verdade que há muito deserto, mas existem também fontes de água doce que correm silenciosamente no subsolo, irrigando-o. É uma boa imagem do que vós sois e sobretudo daquilo que a fé realiza na vida: à superfície emerge a nossa humanidade, ressequida por tantas fragilidades, medos, desafios que deve enfrentar, males pessoais e sociais de vários géneros; mas no mais fundo da alma, mesmo dentro, no íntimo do coração, corre calma e silenciosa a água doce do Espírito, que irriga os nossos desertos, restitui vigor ao que corre o risco de secar, lava aquilo que nos embrutece, sacia a nossa sede de felicidade. E não cessa de renovar a vida. É desta água viva que fala Jesus; esta é a fonte de vida nova que Ele nos promete: o dom do Espírito Santo, a presença terna, amorosa e regeneradora de Deus em nós.

Assim far-nos-á bem deter na cena que o Evangelho descreve. Jesus encontra-se no templo de Jerusalém, onde está a celebrar-se uma das festas mais importantes, durante a qual o povo bendiz ao Senhor pela dádiva da terra e das colheitas, comemorando a Aliança. E, naquele dia de festa, realizava-se um rito importante: o sumo sacerdote ia à piscina de Silóé, tirava água e depois, enquanto o povo cantava e exultava, derramava-a fora das muralhas da cidade para indicar que, de Jerusalém, fluiria uma grande bênção para todos. De facto, o salmista havia dito de Jerusalém: «A minha única fonte está em ti» (*Sal* 87, 7); e o profeta Ezequiel falara duma nascente de água que, jorrando do templo, havia de irrigar e fecundar toda a terra como um rio (*Ez* 47,1-12).

Com tais premissas, compreendemos bem o que nos quer dizer o Evangelho de João com esta cena: está-se no último dia da festa e Jesus, «de pé», bradou: «Se alguém tem sede, venha a Mim» (*Jo* 7, 37), porque do seu seio jorrarão «rios de água viva» (7, 38). Que convite estupendo! E o evangelista explica: «Ele disse isto, referindo-se ao Espírito que iam receber os que n'Ele acreditassem; com efeito, ainda não tinham o Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado» (7, 39). A alusão é à hora em que Jesus morre na cruz: naquele momento sairá, já não do templo de pedra, mas do lado aberto de Cristo a água da vida nova, a água vivificante do Espírito Santo, destinada a regenerar toda a humanidade, libertando-a do pecado e da morte.

Irmãos e irmãs, recordemo-nos sempre disto: a Igreja nasce ali, nasce do lado aberto de Cristo, de um banho de regeneração no Espírito Santo (cf. *Tt* 3, 5). Não somos cristãos por mérito nosso ou apenas porque aderimos a um credo, mas porque, no Batismo, nos foi dada a água viva do Espírito, que nos torna filhos amados de Deus e irmãos uns dos outros, fazendo-nos novas criaturas. Tudo jorra da graça – tudo é graça –, tudo vem do Espírito Santo. Deixai, pois, deter-me brevemente convosco sobre *três grandes dons* que o Espírito Santo nos entrega, pedindo para os acolhermos e vivermos: *a alegria, a unidade e a profecia*. A alegria, a unidade e a profecia.

Antes de mais nada, o Espírito é *fonte de alegria*. A água doce que o Senhor quer fazer correr nos desertos da nossa humanidade, feita de terra e fragilidade, é a certeza de nunca estarmos

sozinhos no caminho da vida. De facto, o Espírito é Aquele que não nos deixa sozinhos, é o Consolador; conforta-nos com a sua discreta e benéfica presença, acompanha-nos com amor, ampara-nos nas lutas e dificuldades, encoraja os nossos sonhos mais belos e os nossos maiores desejos, abrindo-nos ao assombro perante a beleza da vida. Por isso, a alegria do Espírito não é um estado ocasional nem uma emoção do momento; e muito menos aquela espécie de «alegria consumista e individualista tão presente nalgumas experiências culturais de hoje» (Francisco, Exort. ap. *Gaudete et exsultate*, 128). Pelo contrário, a alegria no Espírito é aquela que nasce da relação com Deus, de saber que, mesmo nas dificuldades e noites obscuras que por vezes atravessamos, não estamos sozinhos, perdidos ou derrotados, porque Ele está connosco. E, com Ele, podemos enfrentar e superar tudo, até os abismos do sofrimento e da morte.

A vós, que descobristes esta alegria e a viveis em comunidade, gostaria de dizer: *conservai-a*; mais ainda, *multiplicai-a*. E sabeis qual é o método melhor para fazer isto? É *dá-la*. Sim, é mesmo assim: a alegria cristã é contagiante, porque o Evangelho faz sair de nós mesmos para comunicar a beleza do amor de Deus. Por isso, é essencial que, nas comunidades cristãs, não esmoreça a alegria e seja partilhada; não nos limitemos a repetir gestos por hábito, sem entusiasmo, nem criatividade. Caso contrário, perderemos a fé e tornar-nos-emos uma comunidade fastidiosa, e isto é feio! É importante fazer circular a alegria do Evangelho não só na Liturgia, em particular na celebração da Missa, fonte e ápice da vida cristã (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 10), mas também numa ação pastoral vivaz, especialmente a favor dos jovens, das famílias e das vocações para a vida sacerdotal e religiosa. *A alegria cristã não a podemos guardar para nós mesmos* e, quando a colocamos em circulação, multiplica-se.

Em segundo lugar, o Espírito Santo é *fonte de unidade*. Todos aqueles que O acolhem, recebem o amor do Pai e tornam-se seus filhos (cf. *Rm* 8, 15-16); e, se são filhos de Deus, são também irmãos e irmãs. Não pode haver espaço para as obras da carne, isto é, do egoísmo: divisões, litígios, calúnias, murmurações. Por favor, tende cuidado com a murmuração: as murmurações destroem uma comunidade. As divisões do mundo, e também as diferenças étnicas, culturais e rituais não podem ferir ou comprometer a unidade do Espírito. Pelo contrário, o seu fogo queima os desejos mundanos e incendeia a nossa vida com aquele amor acolhedor e compassivo com que Jesus nos ama, para podermos, por nossa vez, amar-nos assim entre nós. Por isso, quando o Espírito do Ressuscitado desce sobre os discípulos, torna-se fonte de unidade e fraternidade contra todo o egoísmo; inaugura a linguagem única do amor, para que as diferentes línguas humanas não permaneçam distantes e incompreensíveis; derruba as barreiras da difidência e do ódio, para criar espaços de acolhimento e diálogo; liberta do medo e infunde a coragem de sair ao encontro dos outros com a força desarmada e desarmante da misericórdia.

Isto é feito pelo Espírito Santo, que assim molda a Igreja desde as origens: a partir do Pentecostes, as diferentes proveniências, sensibilidades e perspetivas são harmonizadas na comunhão, forjadas numa unidade que não é uniformidade, é harmonia, porque o Espírito Santo é harmonia. Se recebemos o Espírito, a nossa vocação eclesial é, antes de mais nada, a de

guardar a unidade e promover o todo ou – como diz São Paulo – «manter a unidade do Espírito, mediante o vínculo da paz. Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação vos chamou a uma só esperança» (*Ef 4, 3-4*).

No seu testemunho, Chris disse que, quando era muito jovem, o que a fascinara na Igreja Católica era «a devoção comum de todos os fiéis», independentemente da cor da pele, da proveniência geográfica, da língua: todos reunidos numa só família, todos a cantar os louvores do Senhor. Esta é a força da comunidade cristã, o primeiro testemunho que podemos dar ao mundo. Procuremos ser guardiões e construtores de unidade! Para ser credíveis no diálogo com os outros, vivamos a fraternidade entre nós. Façamo-lo nas comunidades, valorizando os carismas de todos sem mortificar ninguém; façamo-lo nas casas religiosas, como sinais vivos de concórdia e de paz; façamo-lo nas famílias, de modo que o vínculo de amor do sacramento se traduza em atitudes quotidianas de serviço e de perdão; façamo-lo também na sociedade multirreligiosa e multicultural em que vivemos: sejamos sempre a favor do diálogo, sempre, tecedores de comunhão com os irmãos de outros credos e confissões. Sei que já dais um bom exemplo neste caminho, mas a fraternidade e a comunhão são dons que não nos devemos cansar de pedir ao Espírito, para repelir as tentações do inimigo que não cessa de semear cizânia.

Por fim, o Espírito é *fonte de profecia*. Como sabemos, a história da salvação está constelada por numerosos profetas que Deus chama, consagra e envia ao meio do povo para falar em nome d'Ele. Os profetas recebem do Espírito Santo a luz interior que os torna intérpretes atentos da realidade, capazes de captar, nas tramas por vezes obscuras da história, a presença de Deus e de a indicar ao povo. Com frequência, as palavras dos profetas são pungentes: chamam pelo nome aos projetos maus que se abrigam no coração das pessoas, põem em crise as falsas seguranças humanas e religiosas, convidam à conversão.

Também nós temos esta vocação profética: todos os batizados receberam o Espírito e todos são profetas. E, como tal, não podemos fingir que não vemos as obras do mal, deixar-nos estar tranquilos na vida para não sujarmos as mãos. Um cristão, mais cedo ou mais tarde, tem de sujar as mãos para viver a sua vida cristã e dar testemunho. Pelo contrário, recebemos um Espírito de profecia para trazer à luz o Evangelho com o nosso testemunho de vida. Por isso São Paulo exorta: «aspirai aos dons do Espírito, mas sobretudo ao da profecia» (*1 Cor 14, 1*). Esta torna-nos capazes de praticar as Bem-aventuranças evangélicas nas situações quotidianas, isto é, construir com firme mansidão aquele Reino de Deus onde o amor, a justiça e a paz se opõem a toda a forma de egoísmo, violência e degradação. Ouvei, com apreço, a Irmã Rose falar do seu ministério entre as reclusas, nas prisões. Isto é estupendo! Uma possibilidade pela qual devemos agradecer. A profecia que edifica e conforta estas pessoas é partilhar com elas o tempo, distribuir em pedacinhos a Palavra do Senhor, rezar com elas. É prestar-lhes atenção, porque onde há irmãos necessitados, como os reclusos, está Jesus: Jesus ferido em cada pessoa que sofre (cf. *Mt 25, 40*). Sabeis o que penso quando entro num cárcere? «Porquê ele, e não eu?». É a

misericórdia de Deus. Mas cuidar dos reclusos é útil a todos, como comunidade humana, porque é pela forma como se tratam os últimos que se mede a dignidade e a esperança duma sociedade.

Nestes meses, queridos irmãos e irmãs, temos rezado tanto pela paz. Neste contexto, constitui uma esperança o acordo que foi assinado a respeito da situação na Etiópia. Encorajo todos a apoiar este compromisso em prol duma paz duradoura, para que, com a ajuda de Deus, se continuem a percorrer os caminhos do diálogo e o povo volte em breve a encontrar uma vida serena e digna. Além disso não quero esquecer de rezar e dizer-vos para rezardes pela atribulada Ucrânia, para que acabe aquela guerra.

E agora, queridos irmãos e irmãs, chegamos ao fim. Quero dizer-vos «obrigado» por estes dias que vivemos juntos; mas não esqueçais a alegria, a unidade e a profecia. Não as esqueçais! Com ânimo repleto de gratidão, abençoo a todos vós, especialmente a quantos trabalharam para esta viagem. E, uma vez que serão estas as últimas palavras públicas que pronuncio, permiti-me agradecer a Sua Majestade o Rei e às Autoridades deste país – nomeadamente ao Ministro da Justiça, aqui presente – a requintada hospitalidade. Encorajo-vos a continuar, com constância e alegria, o vosso caminho espiritual e eclesial. E agora invoquemos a intercessão materna da Virgem Maria, sentindo-me feliz por a venerar como Nossa Senhora da Arábia. Que Ela nos ajude a deixar-nos sempre guiar pelo Espírito Santo e nos mantenha alegres, unidos no afeto e na oração. Conto com a vossa oração: não vos esqueçais de rezar por mim.